

COMPOSTOS NOMINAIS NOVOS [N N] EM PORTUGUÊS¹

MARIA MARGARIDA COSTA

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

0. Introdução

O objectivo deste texto é tentar analisar um conjunto de compostos novos [N N] recolhidos em textos de carácter jornalístico, no sentido de determinar quais os mecanismos abstractos que estão na base da sua geração. As formas estudadas são definidas como “compostos novos” no sentido em que não se encontram dicionarizadas, sendo transparentes a nível da interpretação.

Tentar-se-á perceber se, no conjunto de formas nominais em questão, é possível a distinção de natureza sintáctico-semântica entre compostos coordenados e compostos subordinados (proposta por Vilela 94) e, por outro lado, determinar se o tratamento formal proposto por Villalva 94, segundo o qual os compostos nominais são gerados por dois processos de composição sintáctica (a conjunção (adjunção simétrica) e a adjunção à direita) é aplicável às formas novas consideradas.

Tendo em conta tratamentos recentes sobre coordenação sintáctica (que apontam para a possibilidade de a coordenação não obedecer a uma estrutura simétrica e ter um núcleo) e partindo de algumas propostas de Kayne 94 (no sentido de aplicar ao nível da formação de palavra uma concepção de estrutura hierarquizada), irei propor que os compostos ditos coordenados são gerados não por uma estrutura simétrica mas por uma estrutura de Especificador-Núcleo. Relativamente aos compostos subordinados, optarei pela estrutura proposta por Villalva segundo a qual estes são gerados por adjunção à direita.

1. Compostos coordenados/Estruturas de conjunção vs. Compostos subordinados/Estruturas de adjunção à direita

No conjunto de formas nominais estudadas, é possível estabelecer uma distinção entre **compostos coordenados e compostos subordinados** (Vilca 94), ou entre **estruturas de conjunção e estruturas de adjunção à direita** (Villalva 94). Em (1), temos exemplos do primeiro tipo, e em (2), temos exemplos do segundo tipo:

(1)

1. atriz-encenadora
2. compositor-cantor
3. café-bar
4. bar-galeria
5. toxicodependente-traficante
6. afilhada-criada
7. major-autarca
8. livro-álbum
9. homem-bicho
10. comentador-papagaio
11. menino-mendigo
12. pai-homem
13. barraca-pocilga
14. gruta-ermida
15. casa-hospício
16. professor-coordenador
17. governante-cidadão

(2)

18. cidade-berço
19. filme-choque
20. homem-golo
21. efeito surpresa
22. experiência-piloto
23. edifício-sede
24. escola-modelo
25. elemento-base
26. palavra-chave
27. quadro-bomba
28. relatório-quadro
29. consumidor-fantasma
30. produto milagre

31. grupo-tipo
32. guitarrista-revelação
33. atriz-promessa
34. mulher-polícia
35. sorteio-relâmpago
36. jogador-carisma
37. canção-título
38. cultura-espectáculo
39. mulher-táxi
40. irmã-sombra

Segundo Vilela 94, os constituintes dos compostos coordenados (exemplos de (1)) mantêm entre si uma relação “aditiva/copulativa”, podendo ser invertidos sem que o significado do todo seja alterado. Pelo contrário, os compostos subordinados (exemplos de (2)) não revelam qualquer relação aditiva entre os dois Nomes constituintes. Nestes últimos, o segundo Nome encontra-se numa relação de dependência relativamente ao primeiro, modificando-o ou restringindo-o de alguma forma. Neste autor, a distinção entre os dois tipos de compostos é feita com base nas noções sintáctico-semânticas de adição e subordinação.

Em Villalva 94, o que distingue compostos coordenados (estruturas de conjunção) de compostos subordinados (estruturas de adjunção à direita) são **critérios formais** que têm a ver com a flexão, o género, e a sufixação avaliativa, apesar de tanto umas como outras serem geradas por uma base sintáctica bem definida. Se considerarmos apenas as formas acima apresentadas, verificamos que estes critérios são importantes para diferenciação de estruturas nominais. Retomemos os exemplos em (3) e (4) (em que *tc* significa *termo coordenado*):

- (3) [Ntc1 Ntc2]N (estruturas de conjunção)
1. atriz-cantora
 - atrizes-cantoras
 - actor-cantor
 - atriz-cantorazinha
 4. bar-galeria
 - bares-galerias
 - bar-galeriazinho
- (4) [Nnúcleo N]N (estruturas de adjunção à direita)
29. consumidor-fantasma
 - consumidores-fantasma
 - consumidora-fantasma

consumidor**zinho**-fantasma

21. efeito surpresa

efeitos surpresa

efeito**zinho** surpresa

Os exemplos 1. e 4. em (3) são compostos coordenados/estruturas de conjunção. Em *atriz-cantora*, ambos os constituintes pluralizam e são marcados em género, o que demonstra que nenhum deles é o núcleo modificado pelo outro, parecendo que existe uma "adição" (do tipo A+B em que tanto A como B constituem propriedades caracterizadoras de uma mesma entidade). O mesmo acontece em *bar-galeria*, apesar de, neste caso, apenas a pluralização ser possível, o que se deve, como claramente foi exposto por Villalva, ao facto de estarmos perante constituintes de géneros diferentes e marcados pelo traço [-animado]. Tal situação leva a que o composto resultante seja marcado pelo género masculino, na medida em que este se constitui como valor não marcado na língua portuguesa.

No que diz respeito à modificação avaliativa, a situação poderá complicar-se, pois seria de esperar que já que o número e o género afectam ambos os constituintes, também a sufixação avaliativa o fizesse, porém tal não é possível. Villalva mostra que, apesar de esta ser uma área em que podem existir dúvidas, parece haver uma tendência segundo a qual estas formas só podem ser modificadas por sufixos Z-avaliativos associados à direita do composto, como vemos nos exemplos. Na realidade, perante formas como *atrizinba-cantora* ou *barzinho-galeria*, teríamos de admitir que a sufixação avaliativa apenas tem escopo sobre o primeiro constituinte. Por outro lado, perante estruturas como *atriz-cantorinba* ou *bar-galeriinba*, apenas o segundo constituinte estaria a ser modificado pelo sufixo. Consequentemente, partindo do princípio de que poderíamos aceitar estas formas, verificamos que a modificação avaliativa afecta todo o composto apenas quando o sufixo Z-avaliativo é associado à direita de toda a estrutura.

Pelo contrário, em *consumidor-fantasma*, apenas o primeiro elemento pluraliza, varia em género e é modificado pela sufixação Z-avaliativa (Villalva afirma que parece haver preferência pela sufixação Z-avaliativa nas estruturas de adjunção à direita), o que leva a que esse primeiro elemento se constitua como núcleo do composto, transmitindo os seus traços a todo o composto (*consumidora-fantasma* é feminino, apesar de *fantasma* ser masculino, por exemplo). O mesmo acontece no caso de *efeito surpresa*, só que aqui não é possível o feminino, visto que o núcleo é um Nome invariável. Desta forma, visto que o núcleo é modificado morfologicamente, toda a informação que lhe é associada é transmitida ao nó que o domina, tendo escopo sobre o composto.

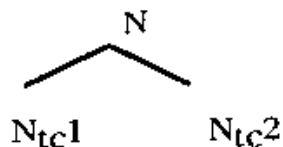
Logo, os exemplos 29. e 21. em (4) são compostos subordinados/estruturas de adjunção à direita.

Desta forma, nas estruturas [N N]_N analisadas, verifica-se que se estabelece uma distinção essencial entre "composição por subordinação" e "composição por coordenação", o que se deve não só ao facto de existirem dois tipos muito gerais de relações entre os constituintes (a de modificação que parece identificar um núcleo e um não-núcleo, e a de conjunção que não identifica núcleos), mas também e sobretudo à existência de critérios formais (flexão, género, sufixação avaliativa).

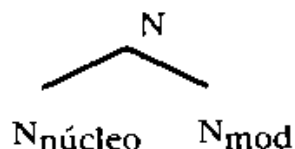
2. Uma hipótese formal acerca dos compostos nominais novos em Português

Segundo Villalva 94, por detrás destes dois tipos de compostos estão duas estruturas geradoras: a conjunção (ou adjunção simétrica) para os compostos por coordenação ((5)) e a adjunção à direita para os compostos por subordinação ((6))

(5) compostos coordenados/estruturas de conjunção:



(6) compostos subordinados/estruturas de adjunção à direita:



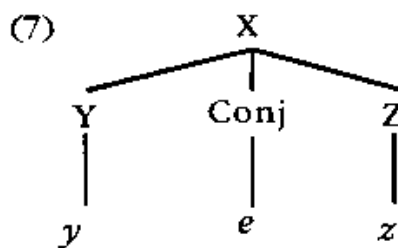
Nestas representações, verifica-se que não é pela estrutura em si que se diferenciam os dois tipos de compostos nominais, mas sim pela forma como os Nomes constituintes são classificados (termos coordenados por oposição a núcleo e modificador). Ora, se temos dois tipos de compostos nominais, que revelam comportamentos formais diferentes, as suas estruturas geradoras deveriam diferir.

Suponhamos que tentamos aplicar ao domínio dos compostos [N N]_N até agora tratados algumas das ideias apresentadas por Kayne 94. De acordo com este autor, qualquer estrutura respeita uma hierarquia definida pela ordem segundo a qual os diversos sub-componentes da frase/palavra se dispõem. As palavras, e consequentemente os compostos, são concebidas como estruturas de adjunção, mas estas, por sua vez, correspondem a estruturas hierarquizadas onde é possível encontrar um especificador, um núcleo e complementos. Assim, vou considerar,

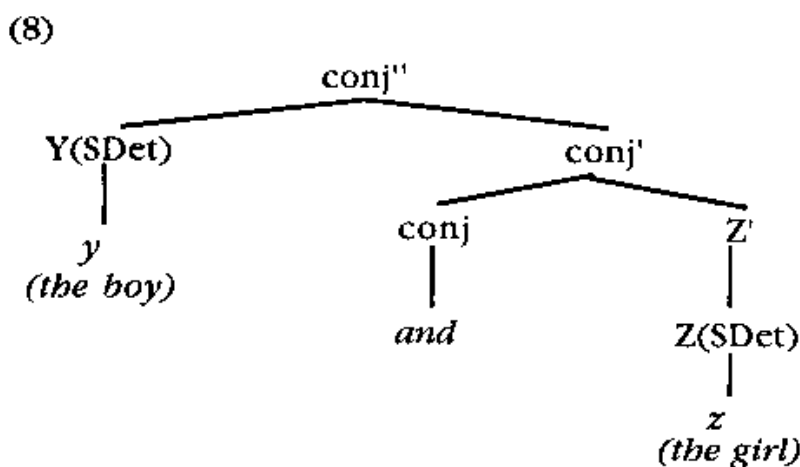
como em Kayne, uma palavra como uma estrutura hierarquizada, em que elementos à esquerda c-comandam assimetricamente elementos à direita². Vejamos se é possível aplicar esta ideia ao caso dos compostos nominais, apresentando uma alternativa às estruturas (5) e (6). Começemos pelos compostos por coordenação.

2.1. Compostos Coordenados – Estruturas de Esp-Núcleo?

Os estudos clássicos sobre coordenação sintáctica propõem que uma estrutura de coordenação é das poucas estruturas que contrariam o princípio fundamental da Teoria X-Barra segundo o qual uma categoria do nível X domina uma outra do nível X¹. De facto, é normal propor para as estruturas de coordenação com a conjunção "e" a configuração em ((7)):



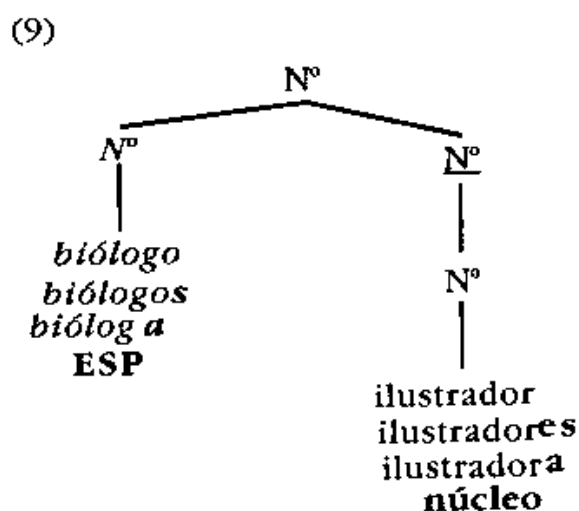
Ora, nos últimos anos têm surgido algumas propostas diferentes sobre coordenação. Refiro aqui, em particular, a proposta de Kayne 94 que tenta aplicar ao domínio da coordenação o "Axioma de Correspondência Linear" que estipula, e simplificando, que numa dada construção, se um constituinte x precede outro constituinte y, x c-comanda assimetricamente y. Com base neste axioma, Kayne propõe para as construções de coordenação em geral a seguinte configuração (que poderia ser a representação sintáctica da expressão *the boy and the girl*³):



Nesta configuração, conj é considerado o núcleo e conj^o é a projecção máxima do núcleo, sendo Y e Z, que ocupam, respectivamente, as posições de especificador e de complemento, os termos coordenados. Por outro lado, esta representação permite notar a dominância estrutural do primeiro SDet em relação ao segundo SDet, na medida em que, se um precede o outro, o primeiro c-comanda assimetricamente o segundo. Desta forma, o SDet [*the boy*] ocupa a posição de especificador, e o SDet [*the girl*] a posição de complemento⁴. Note-se que "especificador" e "complemento" são aqui posições sintácticas estruturais, não devendo a noção de "complemento" ser confundida com o conceito de argumento interno de uma categoria lexical.

Repare-se, no entanto, que, sem querer aqui tratar o complexo problema da coordenação sintáctica, a estrutura (8) não dá conta de um dos aspectos mais característicos da coordenação, que consiste no facto de conj^o ser da mesma categoria sintáctica dos constituintes coordenados. Isto é, conj^o é, na configuração dada, também um SDet, assim como o resultado da coordenação de SVs ou de SPreps, por exemplo, é também um SV ou um SPrep (cf. Matos 94). Ora, esta reflexão, bem como a especificidade dos compostos por coordenação, leva-me a fazer uma proposta alternativa sobre este tipo de compostos, embora inspirada na hipótese de Kayne 94:

— Os compostos coordenados (instâncias de categorias X⁰) podem ser representados por uma estrutura assimétrica, caracterizados por relações de precedência e hierarquia entre os constituintes, e não por uma relação de simetria. Consideremos um exemplo: *biólogo-ilustrador*. De acordo com a hipótese formulada, este exemplo teria a estrutura seguinte:



De acordo com esta hipótese, os dois elementos do composto coordenado ocupam não dois lugares simétricos na palavra mas sim as posições de especificador (primeiro elemento) e de núcleo (segundo elemento). Na medida em que o primeiro constituinte ocupa a posição estrutural de especificador, concorda em número e género com o elemento que preenche o lugar do núcleo, ou seja, o segundo constituinte. Esta situação é também a que ocorre em estruturas frásicas em que o SDet_{Sujeito} e o núcleo da FLEXÃO concordam em traços de número e pessoa³:

(10) [Os meninos]_{3ª. pess. pl} telefonar[am]_{3ª. pess. pl}.

Note-se que a estrutura adoptada em (9) dá conta da necessária concordância de número e género entre os dois membros do composto coordenado.

Numa coordenação de sintagmas nominais (SDets), como em (11) e (12):

(11) Tomei *um bolo e dois cafés*.

(12) Levei *a mala e dois livros*.

e se se adoptar para estas construções uma estrutura do tipo da de (9), dá-se conta da não existência de concordância entre os dois membros da coordenação. Na verdade, nestes exemplos, não há concordância nem de número nem de género entre os dois elementos da coordenação, o que está de acordo com a estrutura (9), visto que o primeiro membro da coordenação ocupa a posição de ESP e o segundo a de COMP. No composto por coordenação e de acordo com a hipótese aqui formulada, a concordância é tida em conta pelo facto de o primeiro constituinte ocupar a posição de ESP e o segundo a de núcleo.

Por outro lado, o facto de, nos compostos coordenados, o segundo constituinte ocupar a posição de núcleo revela igualmente a preferência pela sufixação Z-avaliativa à direita do composto (*biólogo-ilustrador* -> *biólogo-ilustradorzínho*): na verdade, de acordo com a esta proposta, é sobre o núcleo da palavra que recai tal sufixação.

Além disso, ao serem gerados por uma estrutura de especificador-núcleo, os compostos coordenados não permitem a inversão de constituintes sem que o sentido se altere, o que reforça a ideia de que, num composto por coordenação, o primeiro Nome c-comanda assimetricamente o segundo Nome. Na realidade, se acontecesse uma inversão, teríamos uma nova ordem de constituintes correspondendo a uma nova representação sintáctica e conseqüentemente a um sentido distinto. Consideremos a este propósito os seguintes exemplos de compostos e os seus contextos:

(13)

41. cantora-atriz

Por causa do visual, sobretudo a cor do cabelo, a cantora-atriz já ouviu alguns "piropos" de mau gosto.

42. atriz-cantora

No espectáculo, (eu) retrato atrizes-cantoras como Marilyn Monroe, Marlene Dietrich, Bette Midler, Liza Minelli....

43. poeta-cantor

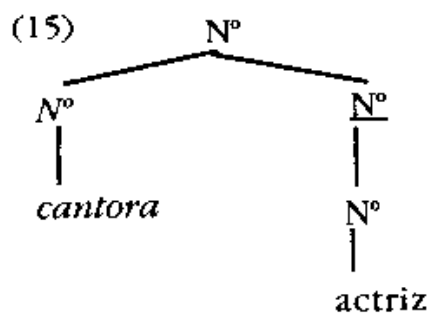
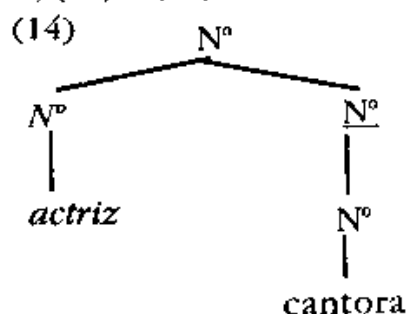
Tertúlia de artistas homenageia esta noite, em Joane, o poeta-cantor.

44. cantor-poeta

Entretanto, um piano, um violino e a voz de uma soprano "reinventaram" a música de José Afonso, num recital de evocação do décimo aniversário da morte do cantor-poeta.

O facto de podermos encontrar tanto *atriz-cantora* como *cantora-atriz*, ou *poeta-cantor* e *cantor-poeta*, poderá levar-nos, num primeiro momento, a afirmar que estes compostos permitem a inversão de constituintes sem que o sentido se altere. Da mesma forma que *trabalhador-estudante* ou *bar-restaurante* parecem equivaler, a nível semântico a *estudante-trabalhador* ou *restaurante-bar*, respectivamente. Fora de um qualquer contexto, a tendência parece ser a de aceitar como "equivalentes" os compostos em que os constituintes trocaram de posição. Todavia, estes exemplos mostram que, mesmo nestes compostos, existe uma ordem linear com consequências a nível semântico. Desta forma, *atriz-cantora* não é equivalente a *cantora-atriz*, isto é, a inversão conduz a uma alteração semântica e indicia, no meu entender, que estamos perante uma relação hierárquica e não uma relação simétrica entre os dois membros do composto.

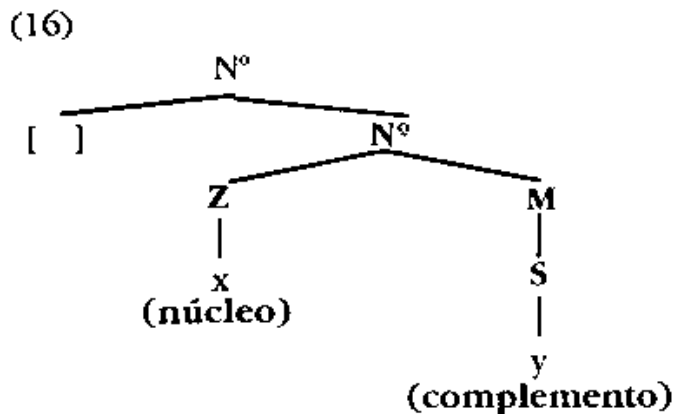
No primeiro caso, *atriz* é especificador de *cantora* e c-comanda-o assimetricamente; no segundo caso, *cantora* é especificador de *atriz* e c-comanda-o assimetricamente. Temos, desta forma, a projecção do mesmo tipo de estrutura geradora, apesar de serem realizadas duas ordens de constituintes distintas, (14) e (15)⁶:



Parece-me que o factor semântico desempenha aqui um papel importante. De facto, *cantora-actriz* designa, no contexto em que ocorre, uma pessoa que tem como profissão/ocupação principal "ser cantora", pelo que o "ser atriz" está reservado apenas para algumas alturas, constituindo-se o desempenho como "atriz" como algo que não é, para a pessoa em questão, tão importante como cantar. Pelo contrário, *atriz-cantora*, designa uma mulher para quem ser atriz é a ocupação mais importante. Os próprios exemplos na frase recolhida (Marylin Monroe, Bette Midler; etc.) reforçam essa ideia, na medida em que sabemos que são/foram atrizes conhecidas que por acaso também cantam/cantaram. Da mesma forma, *poeta-cantor* não pode ser considerado simétrico/equivalente a *cantor-poeta*. Em síntese, o facto de, pela inversão, obtermos compostos com significados distintos favorece a proposta aqui apresentada, segundo a qual um composto por coordenação obedece a uma estrutura hierárquica, em que o membro coordenado à esquerda c-comanda assimetricamente o membro coordenado à direita.

2.2. Compostos Subordinados - Estruturas de Adjunção à Direita

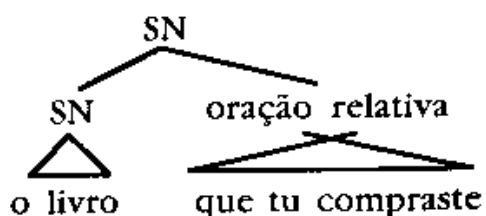
Dada a hipótese apresentada em 2.1., segundo a qual os compostos nominais coordenados obedecerão a uma estrutura hierarquizada, parece plausível aplicar a mesma ideia aos compostos subordinados. Na realidade, certos compostos subordinados parecem revelar uma estrutura de núcleo-complemento, de acordo com a seguinte configuração:



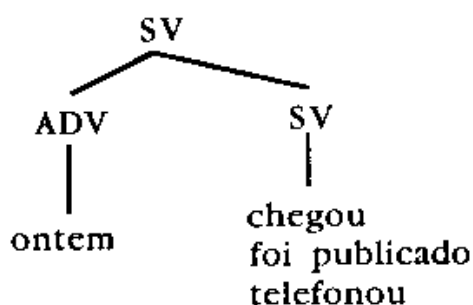
Esta estrutura parece estar na base dos compostos nominais de base verbal (ex.: *abre-latas*, *tira-dentes*, *pesa-papéis*, etc.) em que o elemento *abre*, *tira*, *pesa*, parece ser o núcleo e o elemento *latas*, *dentes*, *papéis*, o complemento. E o que se passará com os compostos nominais subordinados (Vilela 94) ou ditos de adjunção à direita (Villalva 94)? Será que também estes obedecem a uma estrutura hierárquica? Note-se que responder a esta pergunta implica reflectir sobre todo o processo da adjunção, um tema que em Sintaxe tem dado origem a muitas

discussões. Na década de 80, estava relativamente assente que certos fenómenos sintácticos (por exemplo, a relação entre um nome e um adjetivo, entre um nome e uma oração relativa (17), entre um verbo e um advérbio (18)) eram adequadamente descritos por estruturas de adjunção à direita ou à esquerda⁷:

(17)

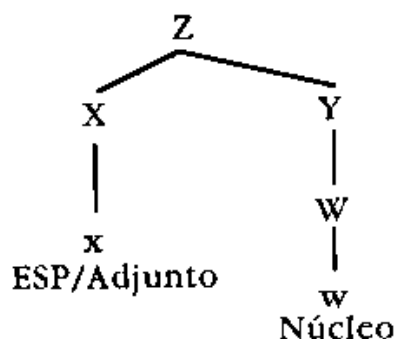


(18)



Recentemente, porém, este tipo de tratamento tem sido posto em causa. Kayne 94 constrói uma teoria em que a distinção especificador/adjunto se esbate e em que aquilo a que se chama adjunto é, na verdade, engendrado numa posição de especificador:

(19)

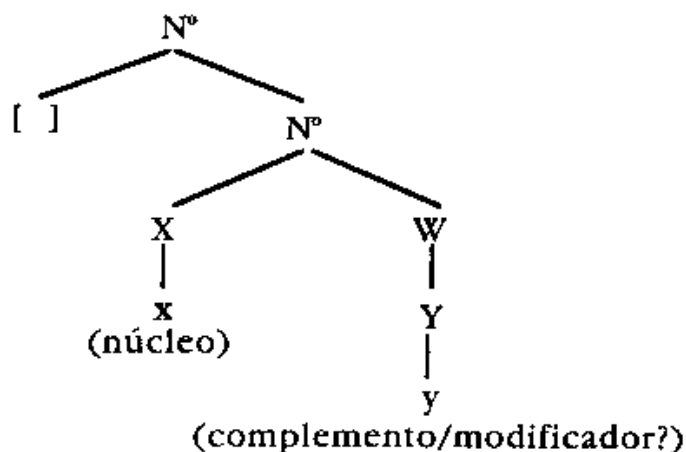


Cinque 94, por exemplo, desenvolve uma teoria sobre o SDet (cf. nota 5) em que os adjetivos são considerados especificadores de categorias funcionais

no interior do SDet e, mais recentemente, Cinque 97 propõe a mesma coisa para todos os advérbios. Será que uma tal proposta pode ser adoptada para os compostos nominais por subordinação ou ditos de adjunção à direita? Parece-me que, no estado actual dos conhecimentos sobre o fenómeno da adjunção, é difícil propor para estes compostos uma estrutura do tipo hierárquico na linha do sugerido por Kayne para compostos como *can opener* (cf. Kayne 94, p. 41) ou na linha da estrutura apresentada em (16).

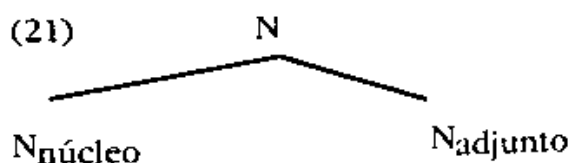
Note-se que, nos compostos subordinados/ditos de adjunção à direita, o primeiro elemento é claramente o núcleo, como mostra o facto de que só ele pluraliza, varia em género e pode receber o sufixo Z-avaliativo. Desta forma, qualquer que seja a estrutura proposta, o primeiro elemento é o núcleo. Como dar conta da ordem dos dois membros do composto (o núcleo precede o modificador) numa estrutura do tipo preconizada por Kayne em que o modificador precede o núcleo? Parece-nos extremamente difícil, a não ser adoptando a hipótese segundo a qual ocorreriam uma série de movimentos (aparentemente não motivados) que dessem conta do facto de o núcleo preceder o modificador. Uma hipótese alternativa seria a de adoptar uma estrutura como em (16) e considerar que o elemento modificador ocuparia a posição de complemento do núcleo, como se descreve em (20):

(20)



A ser possível esta ideia, Y constituiria aqui apenas uma posição sintáctica, não ligada ao conceito clássico de complemento. Mas, na verdade, numa configuração como (20), a posição de Y é tradicionalmente associada a um complemento.

Por todas estas razões, mantenho aqui a ideia de Villalva 94 de que os compostos por subordinação têm uma estrutura de adjunção à direita, como se repete em (21):



Sendo assim, é possível dar conta das diferenças entre os dois tipos de compostos.

3. Síntese

1. É possível estabelecer, no conjunto de formas nominais novas consideradas, a distinção entre compostos coordenados e compostos subordinados tendo em conta a natureza da relação sintático-semântica que se estabelece entre os Nomes constituintes: relação de adição no primeiro caso e relação de modificação/restricção no segundo caso.
2. Verifica-se que é igualmente possível distinguir, como em Villalva 94, dois grandes tipos de compostos com base em critérios formais (flexão, género e sufixação Z-avaliativa) que identificam noções de núcleo distintas e, conseqüentemente, processos de formação também distintos.
3. No que diz respeito especificamente aos compostos coordenados, admiti que eles são gerados por uma estrutura hierárquica em que o primeiro elemento, engendrado na posição de especificador, c-comanda assimetricamente o segundo elemento, o qual ocupa a posição de núcleo. O facto de os compostos coordenados serem gerados por uma estrutura de ESP-Núcleo justifica o seu comportamento formal: ambos os constituintes pluralizam e, quando possível, flexionam em género; é sobre o segundo constituinte, o núcleo, que recai a sufixação Z-avaliativa. Além disso, a impossibilidade de inverter os constituintes das formas coordenadas sem que o sentido se altere reforça a ideia da existência de uma estrutura hierárquica.
4. Relativamente aos compostos subordinados, mantive a hipótese de Villalva, considerando que eles são gerados por uma estrutura de adjunção à direita. Apesar de esta estrutura não dar conta daquilo que considero ser uma relação de hierarquia entre os dois constituintes nominais, o núcleo e o modificador, ela justifica-se pelo facto de a relação entre ambos os elementos não ser de dependência lexical mas sim de modificação/restricção, motivo pelo qual se defende a existência de um adjunto e não de um complemento.

5. Finalmente, confirma-se a existência de estruturas formais na base de “compostos nominais”, o que justifica a ideia de que a Composição sintáctica está no centro da interface entre Morfologia e Sintaxe.

Notas

- 1 Este texto corresponde a uma parte, devidamente adaptada, da minha dissertação de mestrado intitulada *A Composição Nominal [N N] e a Interface Morfologia/Sintaxe* e defendida em Julho de 1998 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- 2 Perante a definição de Reinhart 76 de “c-comando” adoptada em geral pela Teoria da Regência e Ligação e segundo a qual, num indicador sintagmático, um nó X c-comanda um nó Y quando o primeiro nó que ramifica acima de X domina também Y, Kayne propõe a noção de “c-comando assimétrico” em que X c-comanda assimetricamente Y e Y não c-comanda X.
- 3 Aceito aqui a posição de Kayne 94, actualmente partilhada pela Sintaxe Generativa, de que as expressões nominais são SDets, isto é, projecções máximas de DET, sendo o SN a parte lexical da categoria.
- 4 Matos 94 defende igualmente o binarismo e a mono-nuclearidade da coordenação, e, inspirando-se em Kayne 94, mostra que as estruturas coordenadas têm como núcleo a categoria funcional Conj, que selecciona dois termos, um especificador e um complemento, aos quais não atribui papéis temáticos. Daí que considere que o esquema X-barra básico permite dar conta das estruturas coordenadas.
- 5 Na concepção clássica do SN, esta era também a maneira como se explicava a concordância entre os DETs (considerados especificadores) e os Nomes (considerados como núcleos). Na análise de um SN como um SDet, a questão é mais complexa; se os artigos, por exemplo, ocupam posições de DET (núcleo), a concordância com o Nome deve ser vista como um caso de concordância Núcleo-Núcleo (cf. Brito 93).
- 6 Repare-se que não há propriamente evidência empírica a favor da categoria intermédia N° (sublinhada em (9), (14) e (15)) conforme foi notado pela Prof. Alina Villalva; no entanto, toda a exposição tenta mostrar que o segundo Nome é o núcleo do composto, ocupando uma posição hierarquicamente “inferior” relativamente ao primeiro Nome (tal posição é definida pela ordem segundo a qual ambos os constituintes se dispõem no composto), pelo que, nesse sentido, a estrutura em (9), (14) e (15) justifica-se.
- 7 Não estou aqui a considerar a possibilidade de movimento do verbo para FLEX por não ser pertinente para a discussão.

Referências

- BOUILLON, Pierrette, ESTIVAL, Dominique (eds.), 1994, *Proceedings of the Workshop on Compound Nouns: Multilingual Aspects of Nominal Composition*, 2-3 Dezembro, ISSCo, Universidade de Genebra, Suíça.

COMPOSTOS NOMINAIS NOVOS [N-N] EM PORTUGUÊS

- BRITO, Ana Maria, 1993, "Aspect de la syntaxe du SN en portugais et en français", Separata da *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Série de Línguas e Literaturas, Vol. X, pp. 25-53.
- CHOMSKY, N., 1981, *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- CHOMSKY, N., 1986a, *Barriers*, Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- CINQUE, G., 1994, "On the evidence for partial N-movement in the romance DP" in Cinque G. *et alii* (eds.), *Paths towards Universal Grammar. Studies in honour of Richard S. Kayne*, Georgetown University Press, pp. 85-110.
- CINQUE, G., 1997, *Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective*, a publicar por Oxford University Press.
- COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio, 1995, *Dicionário de Língua Portuguesa*, 7a. edição, Porto Editora, Porto.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley, 1992, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 9ª edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- DI SCIULLO, Anna-Maria, WILLIAMS, Edwin, 1987, *On the definition of Word*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- ELISEU, André, VILLALVA, Alina, 1991, "Tira-teimas entre a Morfologia e a Sintaxe", in *Actas do VII Encontro da APL*, Lisboa, pp. 116-140.
- KAYNE, Richard S., 1994, *The Antisymmetry of Syntax*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, A.; VIANA, M. C.; VILLALVA, A., 1990, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Universidade Aberta, Lisboa.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I., 1989, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa, Caminho.
- MATOS, Gabriela A., 1994, "Estruturas Binárias e Monocêntricas em Sintaxe: algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas", in *Actas do X Encontro da APL*, Évora, pp. 301-315.
- REINHART, T., 1976, *The Syntactic Domain of Anaphora*, Dissertação de PhD, MIT.
- TEXTO EDITORA (eds.), 1995, *Novo Acordo ortográfico. Afinal o que vai mudar?*, Lisboa.
- VILELA, Mário, 1980, *La Formation des Mots*, Porto, Brasília Editora
- VILELA, Mário, 1986, "A formação de palavras: componente independente ou apenas subcomponente?", Separata da *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Línguas e Literaturas, II Série, Vol. III, pp. 31-52.
- VILELA, Mário, 1994, "Portugiesisch: Wortbildungslehre" in *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, Max Verlag, Tübingen, pp. 173-199.
- VILELA, Mário, 1995, *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*, Livraria Almedina, Coimbra.
- VILLALVA, Alina, 1992, "Portuguese Compounds", in *Rivista di Linguistica* 4,1., pp.201-219.

ACTAS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA APL

- VILLALVA, Alina, 1994, *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hterarquias nas Palavras do Português*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- VILLALVA, Alina, 1994, "Configurações Não-Binárias em Morfologia" in *Actas do X Encontro da APL*, Lisboa; pp. 583-597.